



CONTRIBUIÇÕES DO(A) PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA PARA O MUNDO PÓS-PANDEMIA

Rodrigo de Paulo Souza e Silva, Jean Luka Fernandes & Leonardo Lencioni Mattos Santos*

¹ Licenciado e graduando em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de Alfenas; rodrigo.silva@sou.unifal-mg.edu.br

² Licenciado e graduando em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de Alfenas; jean.dutra@sou.unifal-mg.edu.br

* Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): leonardo.lencioni@sou.unifal-mg.edu.br; (12) 99158-7808, Rua Tiradentes, 1780.

Resumo: Neste trabalho buscamos realizar uma reflexão teórica sobre algumas das possíveis contribuições que os(as) profissionais da área de Geografia podem desempenhar no mundo pós-pandemia. Desta forma, pauta-se uma discussão sobre o método geográfico e a atuação dos(as) profissionais da área a partir dos limites e possibilidades que a pandemia de COVID-19 desencadeou em nossa sociedade. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre os temas em questão, como os impactos da pandemia na sociedade, o papel do(a) geógrafo(a) no mercado de trabalho e a sobre as relações entre a atuação do(a) profissional no atual momento histórico e contexto econômico. O trabalho teve origem nas discussões realizadas na disciplina de “Atuação do Geógrafo”, do curso de Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL-MG). Assim, destacamos que a profissão desempenha um papel fundamental para a superação de entraves e para o planejamento espacial/territorial no contexto do fim da pandemia de COVID-19. Por outro lado, apontamos algumas das limitações e contradições que atingem a profissão no atual momento histórico e econômico, delineado pelo Neoliberalismo. A exemplo disso tratamos da precarização dos empregos, da alta especialização necessária no mercado atual, bem como as limitações de vagas destinadas a profissionais da área no mercado de trabalho.

Palavras-Chave: Atuação do(a) Geógrafo(a); COVID-19; Pensamento Geográfico

Eixo: Socioespacial

1. INTRODUÇÃO

O perfil de atuação do geógrafo, bem como as características do pensamento geográfico, é historicamente construído e definido, apresentando uma série de metamorfoses ao longo do processo de desenvolvimento e institucionalização da Geografia (MOREIRA, 2007).

Algumas questões fundamentais trabalhadas durante a formação do geógrafo são moldadas pelas diferentes funções ou exercícios que estes profissionais virão a desempenhar; essas características, juntamente com o caráter político de nossa formação, são responsáveis por apresentar-nos diversas formas de ocupar nosso espaço no mundo do trabalho.

Atualmente, na era da globalização da indústria e dos recursos técnicos-informacionais, as funções dos geógrafos não se restringem apenas à análise cartográfica ou mesmo à interpretação das extensões territoriais. Esse quadro complexo faz com que os profissionais desta área busquem compreender as





relações que o homem produz com o meio que ocupa, analisando a dialética entre o homem e o espaço geográfico.

Nesse sentido, nossa atividade não se resume apenas a analisar os recursos cartográficos ou o espaço de forma estática, pragmática e técnica. Cabe a nós investigar as relações que produzem o espaço geográfico a partir dos diversos significados, funcionalidades e conflitualidades a ele atribuídos e nele ocorridos; ou seja, é necessário compreendermos a produção do espaço geográfico enquanto um processo permeado por intencionalidades e conflitos (SOBREIRO FILHO, 2016).

Atualmente vivemos em um cenário pandêmico, assolado pelo vírus COVID-19. Este trabalho tem como objetivo analisar algumas funções que o geógrafo possa vir a desempenhar em um mundo pós-pandêmico. Portanto, buscamos apontar algumas contribuições da nossa profissão para o futuro a partir das nossas vivências com as novas relações de trabalho e pesquisa surgidas nestes dois últimos anos. Este trabalho foi desenvolvido para a disciplina de Atuação do Geógrafo, do curso de Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL-MG), ministrado pelo Prof. Dr. Estevan Leopoldo de F. Coca.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração do presente trabalho foi utilizado um levantamento bibliográfico sobre a atuação do profissional de Geografia, bem como sobre a história do pensamento geográfico. Além disso, foram utilizadas as referências bibliográficas indicadas no curso apontado logo acima.

3. A GEOGRAFIA ENQUANTO PROFISSÃO

A Geografia, desde o século XIX, desempenha um papel importante como a ciência do espaço, pela qual o próprio geógrafo se enquadra como especialista na sua leitura. No Brasil, durante as décadas de 1940 e 1950, a Geografia esteve dividida em dois grandes segmentos: um que produzia conhecimento para o uso no ensino escolar e o outro voltado para a estruturação de um sistema de planejamento territorial alinhado ao campo estatístico e demais ciências geodésicas, representado pela figura institucional do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mesmo apresentando essa segmentação, ambos sempre estiveram conectados. Essa dicotomia também é característica no pensamento geográfico (ALMEIDA, 2004). Vale salientar que o pensamento geográfico no Brasil tem enfrentado nos últimos anos uma fragmentação constante em nichos de especialização, obedecendo à lógica mercadológica que segmenta a capacidade de totalização (SANTOS, 2006).





A exemplo disso, o mercado de trabalho tem solicitado nos últimos tempos a importância de os profissionais possuírem títulos de especialista, não mais buscando a totalidade das coisas, mas sim a especificidade de um objeto de análise. Geógrafo especialista em Meio Ambiente, Geógrafo especialista em Economia, Geógrafo especialista em Educação, etc. Um movimento contrário ao conhecimento geográfico, que não atende às demandas conjuntas da sociedade, mas em nichos de atuação.

Esse quadro é atravessado por diversas contradições, uma delas é o fato de que ao mesmo tempo que essa especialização pode se tornar algo extremamente restritivo para o desenvolvimento de um pensamento crítico, ela permite que nós, ao nos especializarmos, detenhamos um conhecimento muito mais aprofundado de determinados assuntos do que se nossa formação fosse mais "ampla". Esta é uma forma de contradição que também atravessa o debate sobre os paradigmas: ao mesmo tempo em que a filiação a um paradigma pode vir a restringir a abrangência do conhecimento e da produção de um(a) cientista, dada sua profunda especialização, este mesmo fator possibilita o aprofundamento do conhecimento e o avanço da ciência (CAMPOS, 2012).

Para Santos (2006), quando se fala de Geografia, assimila-se diretamente a profissão do geógrafo como aquele que mapeia alguma informação ou que detém conhecimento sobre recursos cartográficos; o profissional que delimita localizações e se enquadra como um exímio planejador territorial. Contudo, vale salientar que a riqueza da Geografia se encontra justamente na capacidade de se pensar os objetos de análise e as ações antrópicas em volta ao meio que se ocupa, ou seja, em sua perspectiva holística.

Neste sentido, torna-se fundamental superar a conceitualização de espaço geográfico enquanto um ente estático, um “palco” onde se desenrolam as ações humanas. Em nossa perspectiva, a análise geográfica deve partir de uma concepção de espaço enquanto “[...] produto do processo histórico, social e ao mesmo tempo, condição para o devir” (ABRÃO, 2012, p. 47). Ainda sobre Santos (2006), vale destacar a ideia do espaço banal, que abrange essas relações complementares e conflitantes, o espaço quisto como de todos os homens não importando suas diferenças; o espaço de todas as empresas não importando a seu poder; o espaço de todas as instituições, não importando a sua força.

Via de regra, o geógrafo não se isenta da imaterialidade das coisas, diferente dos profissionais da Engenharia ou de Gestão, o perfil desta ciência faz do geógrafo um profissional que não deve se isentar politicamente de suas ações. Junto disso, as técnicas utilizadas e também os produtos resultantes da análise do mesmo não o afasta das imaterialidades. No caso, muitas vezes o geógrafo precisa associar as dimensões materiais e imateriais dos processos e fenômenos. O profissional deve reconhecer que um mapa, além das localidades, representa um arranjo espacial ditado por relações





políticas, econômicas, históricas, entre outras.

Sendo assim, é preciso que o geógrafo seja mais do que um planejador, superando o caráter tecnocrático que a profissão muitas vezes nos impõe, através de uma visão de espaço enquanto produto das relações sociais e, ao mesmo tempo, produtor dessas mesmas relações. As técnicas, por si só, são incapazes de transformar o mundo positivamente, cabendo a este profissional desempenhar sua profissão de maneira crítica.

Pensar o espaço geográfico não só através de sua materialidade, mas também das forças que o compõem. A Geografia se configura dessa forma, a sociedade e as instituições precisam compreender esse processo, cabendo ao geógrafo ocupar seu espaço a ponto de transformar concepções. Desafiador, mas necessário.

4. GEOGRAFIA E PANDEMIA

Uma pandemia assola o mundo há mais de um ano e meio, a maior crise sanitária da história moderna teve sua origem na China, no distrito de Wuhan. O vírus em questão vem de um agrupamento denominado coronavírus, batizado de COVID-19 se espalhou de forma global e sofreu diversas mutações. Este cenário afetou de forma direta a cadeia de relações econômicas, sociais, sanitárias e consequentemente espaciais de todo o Planeta (THUDIUM, 2020; RACY, 2021).

Segundo o site *COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)* (FIGURA 01), na data de 22 de setembro de 2021 já contabilizam 229.698.682 de pessoas infectadas com o vírus, e a morte de 4.711.253 de pessoas em todo o Globo. Sendo que temos mais de 5 bilhões de pessoas já vacinadas pelo menos com a primeira dose da vacina contra o vírus. Vale destacar que para conseguir analisar este contexto, se faz importante a criação de mecanismos tecnológicos que ilustram todo o comportamento do vírus pelo Globo, trabalho esse que pode ser desenvolvido não só por geógrafos, mas também com suporte de outras áreas do saber.

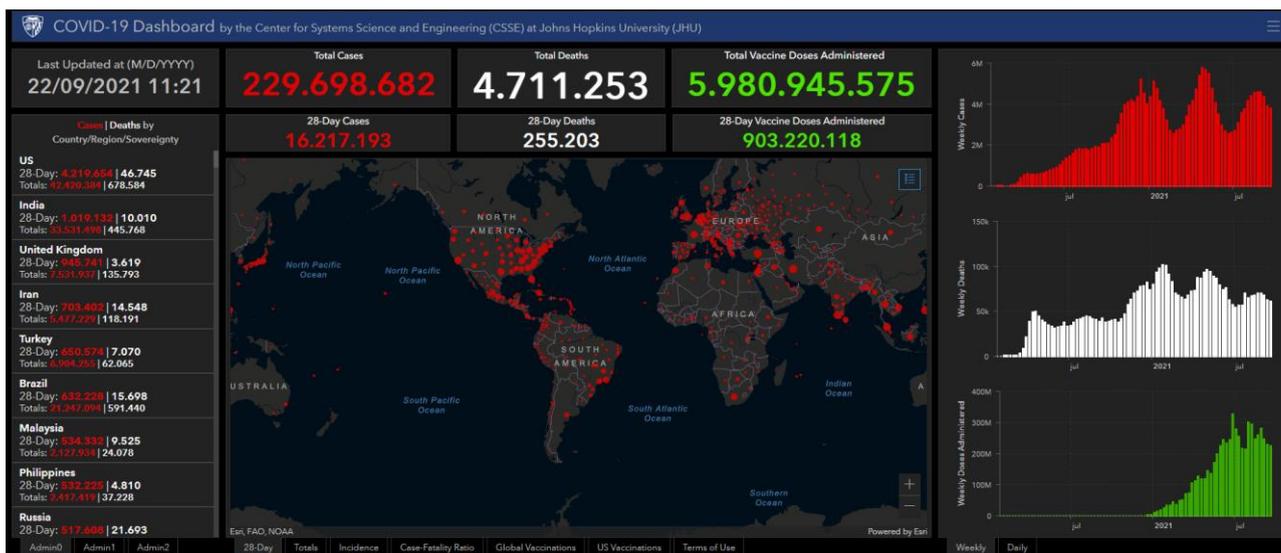
Logo abaixo, o exemplo de um dashboard criado para monitorar a Pandemia de COVID-19. Analisando o mapa, pode-se concluir que localidades com grandes aglomerados urbanos, são zonas que o vírus obteve maior estágio de contaminação e morte. Além de estar presente em países desenvolvidos economicamente e também com potencial de crescimento econômico, é um vírus do capitalismo, de escala global e não local, que sofre mutações por onde se instala, fato este inédito na história. E junto disso, são colocados à prova a capacidade do ser humano de ser colaborativo, no seu preocupar com o próximo alinhado a sua condição social.





Vale salientar que os Estados já enfrentavam desdobramentos gerados por mudanças políticas bem antes da pandemia, mas que foram acentuadas com o fenômeno (THUDIUM, 2020). As relações internacionais passam a ser realinhadas a partir de novas tendências que salientam uma disputa por hegemonia, de poder, figurado pela velocidade de imunização contra a COVID-19.

Figura 01 - Mapa Dashboard da Universidade Johns Hopkins, que mostra a distribuição do vírus no quesito contaminação



Fonte: Universidade Johns Hopkins. 2021

Existe certa pressa para que o mercado global volte a ser como era, com algumas mudanças nas relações humanas cotidianas, mas que garanta ainda o capitalismo como sistema hegemônico. Nesse sentido, com a Pandemia de Covid-19 novas relações surgirão entre os homens: novos padrões sanitários, novas regras sobre a logística de produtos, novas relações sobre atividades coletivas de pessoas, novas relações comerciais e internacionais. (RACY, 2021).

Para Thudium (2020), vivemos em um período transitório no qual ainda não temos nomes próprios para os processos em curso, contudo, é a partir destes processos que se delimitam novas conexões geográficas que precisam ser compreendidas e estudadas.



Novas relações de poder são constituídas, novas tendências de mercado são estabelecidas, novas relações sociais e econômicas são construídas, a desigualdade social e a fome estará sendo acentuada, novos dados irão surgir para serem interpretados e compilados em mapas. São tempos de rearranjo, de novas demandas de análise e que o Geógrafo como profissional se faz essencial para compreensão de todos estes fenômenos.

5. A ATUAÇÃO DO GEÓGRAFO NO CONTEXTO PANDÊMICO: ESTUDO DE CASO DA ATUAÇÃO DA GEOATIVA - JR NO SUL DE MINAS GERAIS

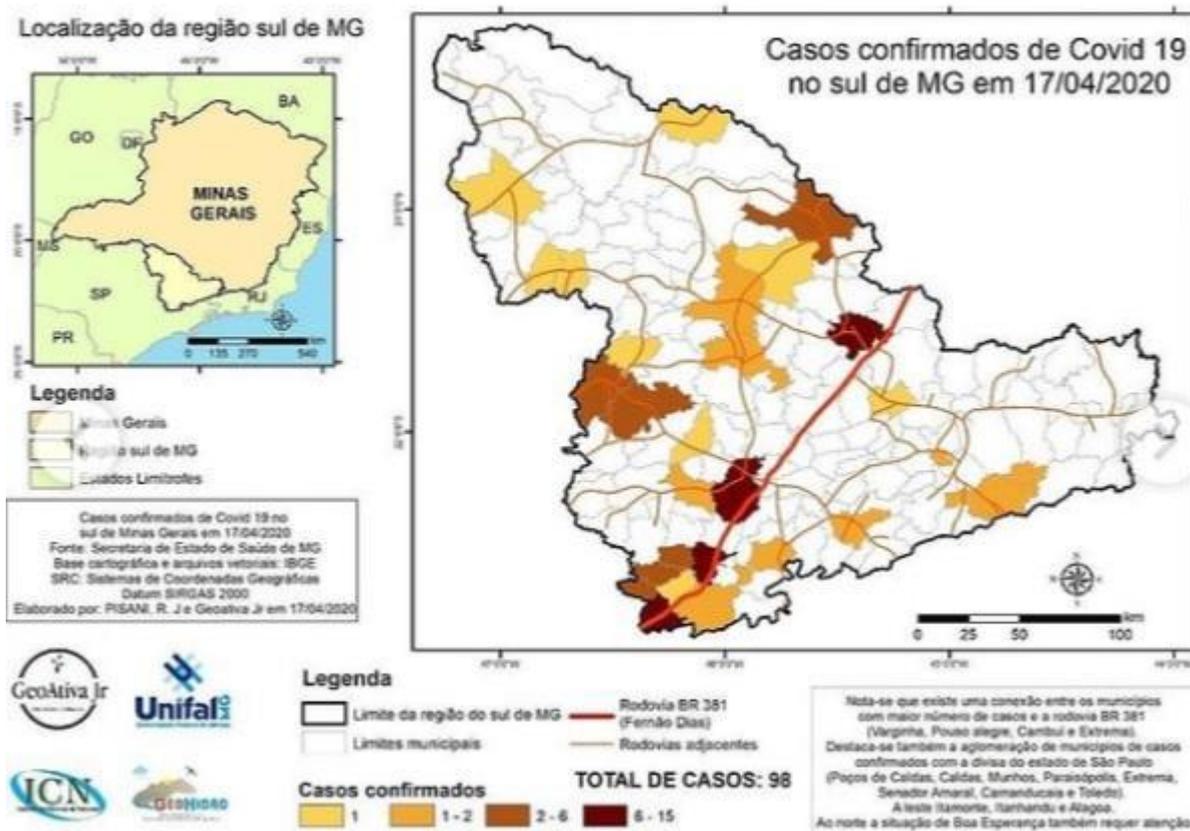
Após termos discutido alguns dos papéis da nossa profissão frente à sociedade e termos apontado uma visão geográfica sobre a pandemia, seguiremos agora para um estudo de caso que uniu muito bem esse tema, na prática. Segundo Santos (2006, p. 4), “O problema central é como utilizar os conhecimentos sistematizados por uma disciplina no delineamento de soluções práticas e caminhos frente aos problemas concretos da sociedade”. E esse é um problema que a geografia enfrentou de maneira muito clara nessa pandemia, ainda que pouquíssimas análises geográficas a respeito desse problema tiveram espaço nos meios de comunicação.

Veremos a seguir uma exceção na qual o conhecimento geográfico serviu como base de análise para o enfrentamento e entendimento da realidade pandêmica. Esse é o caso da produção realizada pela empresa júnior “GeoAtiva”, da Universidade Federal de Alfenas - MG (UNIFAL-MG). A equipe produziu entre os meses de abril e dezembro de 2020 um acompanhamento da evolução de casos de COVID-19 na região sul de Minas Gerais, lançando boletins semanais com a espacialização desses casos, por município, a partir de dados oficiais lançados pela Secretaria de Saúde de Minas Gerais.

Esses boletins começaram o seu lançamento focando e produzindo três representações espaciais sul-mineiras com os seguintes temas por município: i) casos confirmados de COVID-19; ii) casos suspeitos de COVID-19 e; iii) mortes por COVID-19. Segue o primeiro mapa representativo sobre os casos, divulgado em 17/04/2020 (Figura 02):



Figura 02 - Mapa elaborado pela GeoAtiva Jr. sobre os casos confirmados de COVID-19 no Sul de MG em 17/04/2020

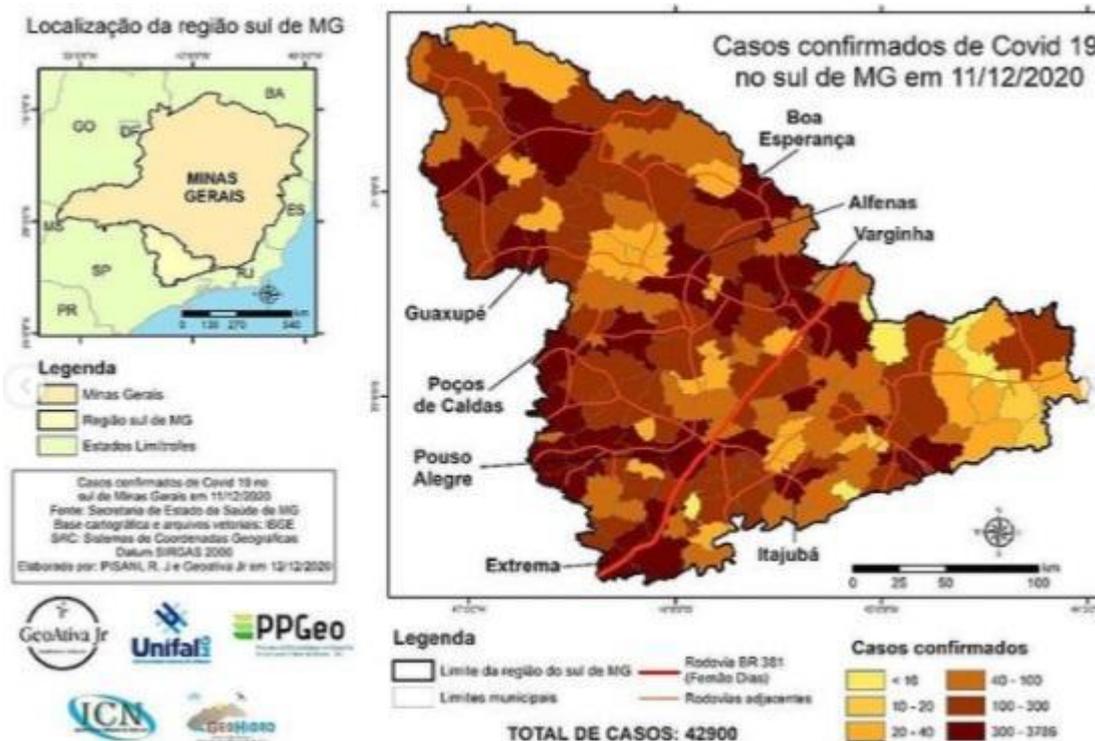


Fonte: <https://www.instagram.com/geoativajr/>

Com o avanço da pandemia e, infelizmente, do aumento das mortes e casos, a empresa resolveu alterar levemente os temas de suas representações, sendo que os três principais produtos semanais ficaram sendo: i) casos confirmados de COVID-19; ii) óbitos por COVID-19 e; iii) casos recuperados de COVID-19.

A capacidade de adaptação na produção frente a novas demandas é uma característica muito importante para um geógrafo. Além desses mapas principais, também foram produzidos outros abrangendo diversos temas e interpretações dos dados. A título de comparação do número de casos e para maior visualização desse terrível avanço da pandemia no sul de Minas, segue o último mapa produzido pela empresa em 11/12/2020 (FIGURA 3):

Figura 3 - Casos confirmados de COVID-19 no sul de MG em 11/12/2020



Fonte: <https://www.instagram.com/geoativajr/>

Analisando esses dois mapas, de forma muito simplista se comparado ao excelente trabalho que a empresa produziu, podemos perceber uma evolução do número de casos de COVID-19, saindo de 98 em abril e chegando a 42.900 casos em dezembro. Esse dado extremamente gritante e absurdo se repete em todo o Brasil, país no qual ainda estamos enfrentando essa pandemia, apesar de o presidente da nação ainda continuar prestando seu enorme des-serviço à sociedade.

Quando se espacializa e se busca compreender o fenômeno, nesse caso a pandemia de COVID-19, é possível delimitar a dinâmica de disseminação do vírus. Essas dinâmicas espaciais podem e deveriam ter sido usadas pelo poder público para o combate à disseminação do vírus e para evitar que tantas vidas tivessem sido (e ainda continuam sendo) perdidas.

Em “Uma ética para a vida” (AB’SABER, 2007, p. 145), Aziz Ab’Saber discute sobre a que objetivos a profissão deve estar a serviço, ele cita:

Toda vez que o conhecimento geográfico é projetado para um conjunto de pessoas que vai trabalhar com planejamento, ele passa a ser altamente ético e humanitário. São os geógrafos que cuidam das relações entre os homens, comunidades, sociedades e o meio ambiente em que esses componentes básicos do planeta, junto com a vida vegetal e animal, têm o seu habitat.

O trabalho realizado pela empresa júnior serve de claro exemplo de como a ciência geográfica deve e pode estar a serviço direto da qualidade de vida da população. Além disso, nos deixa uma



esperança de que a profissão de geógrafo a partir de trabalhos tão relevantes como esse tenha um maior reconhecimento social e profissional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos concluir que a Geografia desempenha um papel fundamental no trato com a realidade global em um cenário pós-pandemia. Isso decorre da forma como esta ciência é pensada e praticada, ou seja, decorre de sua característica de buscar a explicação da totalidade, qual seja, o espaço geográfico.

Esse “holismo”, presente em alguns dos trabalhos acadêmicos e atuações profissionais de geógrafos, favorece que sejam formuladas intervenções ou reflexões que levem em conta o grande número de condicionantes que interferem diretamente nos problemas enfrentados.

É neste sentido que compreendemos um papel extremamente importante da Geografia no mundo pós-covid: a capacidade de seus teóricos e profissionais de pensar e intervir em um mundo extremamente complexo a partir da compreensão das múltiplas dimensões e relações que produzem os fenômenos espaciais.

Por outro lado, compreendemos que as características do mercado de trabalho atual e da sociedade como um todo, atravessados pelo Neoliberalismo, resultam em uma série de entraves para a humanidade (DARDOT; LAVAL, 2017), bem como para nossa profissão. A precarização do trabalho, o acúmulo de funções, a má remuneração dos profissionais (licenciados e bacharéis) e até mesmo a falta de espaço no mercado de trabalho são contradições que, nós enquanto profissionais tão necessários para a sociedade, iremos ter de enfrentar.

7. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB’SABER, A. N. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais** de Aziz Nacib Ab’Saber. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ABRÃO, J. A. A. Concepções de Espaço Geográfico e Território. **Sociedade e Território**, v. 22, n. 1, p. 46-64, 10 fev. 2012.

ALMEIDA, Roberto Shmidt. O pensamento geográfico do IBGE no contexto do planejamento estatal brasileiro. In: MARTINS, R.A; MARTINS, L. A. C.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**. 3º Encontro. Campinas: AFHIC, 2004.





CAMPOS, J. F. de S. **Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo**. 388p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Presidente Prudente, 2012.

COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). 2021. Disponível em:
<https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 17 set. 2021.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

RACY, J.C. **A pandemia e os novos padrões de relacionamento internacional**. Acervo Online - Diplomatieque. 2021. Disponível em:
<https://diplomatieque.org.br/a-pandemia-e-os-novos-padroes-de-relacionamento-internacional/>. Acesso em: 17 set. 2021.

SANTOS, M. O papel ativo da Geografia. Um manifesto. **Revista Tamoios**, v. 2, n. 1, 2006.

SOBREIRO FILHO, J. **Contribuição à construção de uma teoria geográfica sobre movimentos socioespaciais e contentions politics: produção do espaço, redes e lógica-racionalidade espaço-temporal no Brasil e Argentina**. 440 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2016.

THUDIUM, G. **Por que não estamos diante de uma Nova Guerra Fria**. Acervo Online - Diplomatieque. 020. Disponível em:
<https://diplomatieque.org.br/por-que-nao-estamos-diante-de-uma-nova-guerra-fria/>. Acesso em: 17 set. 2021.